



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS – ESPANHOL E PORTUGUÊS
COMO LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**AS ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS DE ESTUDANTES
NORDESTINOS RESIDENTES EM FOZ DO IGUAÇU**

**JEFERSON RENATO GONZAGA
DOS SANTOS**

Foz do Iguaçu
2025

**AS ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS DE ESTUDANTES
NORDESTINOS RESIDENTES EM FOZ DO IGUAÇU**

**JEFERSON RENATO GONZAGA
DOS SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras.

Orientadora: Professora Dra. Franciele Maria Martiny.

Foz do Iguaçu
2025

JEFERSON RENATO GONZAGA DOS SANTOS

**AS ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS DE ESTUDANTES
NORDESTINOS RESIDENTES EM FOZ DO IGUAÇU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Franciele Maria Martiny
(UNILA)

Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos
(UFS)

Profa. Dra. Larissa Paula Tirloni
(UNILA)

Foz do Iguaçu, 19 de dezembro de 2025

Dedico este trabalho aos meus amados pais, *in memoriam*. Por todo o amor, apoio e sacrifício. Vocês estarão para sempre em minhas memórias e em cada conquista minha.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha companheira e amiga, Lara, por não me deixar desistir, ter acreditado em mim e visto potencial onde nem mesmo eu via, por ter me apoiado e acolhido em todo o processo e por compartilhar comigo essa jornada. A meu amigo, Marcel, que foi uma das pessoas que me impulsionou até aqui através de seus conselhos, orientações e constante apoio, por ter tido um papel fundamental na escolha dessa jornada. A minha orientadora e professora, Franciele Maria Martiny, por toda a paciência e dedicação, por acreditar desde o primeiro momento na pesquisa, e pelo apoio em todo o processo. A meus poucos, mas verdadeiros amigos, que tornaram a estadia e o processo um pouco menos difícil.

*Escolas fora de série, faço seus egos verem a
expansão dos seres, não querem saber sobre
alqueires. Fui jogado a sorte lá no Sudeste, é um
azar me terem, meteram o pau no Nordeste, eu
meto neles Paulo Freire.*

RAPadura

RESUMO

O presente estudo explora o preconceito linguístico em torno de falares nordestinos na cidade de Foz do Iguaçu-PR, com um enfoque central no contexto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). O trabalho surgiu da necessidade de compreender como as crenças e atitudes linguísticas se manifestam no dia a dia e de que forma elas podem reforçar a xenofobia regional e impactar a construção da identidade dos migrantes que vêm do Nordeste para realizar um curso universitário. Para isso, a metodologia adotada foi qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas com sete estudantes universitários nordestinos de diferentes estados (Paraíba, Bahia, Piauí, Pernambuco, Maranhão), que estão residindo na cidade iguaçuense. A análise dos dados foi guiada pelos pressupostos da sociolinguística, fundamentada em autores como Bagno (2015), Calvet (2002) e Labov (2008), que traçam a variação linguística como um processo natural e não como erro e pelos estudos sobre crenças e atitudes, em autores como Moreno Fernández (2009), Aguilera (2008) e Barcelos (2001). Os resultados revelam um cenário onde as variedades nordestinas são frequentemente estigmatizadas, descritas como "engraçado" ou "preguiçoso", gerando situações de constrangimento, como piadas recorrentes e imitações, inclusive por parte de docentes universitários. Identificou-se que os acadêmicos migrantes mais recentes tendem a adotar a autocensura em ambientes formais, de maior monitoração e policiamento da fala, enquanto os mais antigos demonstram uma resistência maior, utilizando o próprio 'sotaque' como um símbolo ativo de identidade e orgulho. A conclusão aponta que essa glotofobia não é um fenômeno isolado, mas sim uma manifestação de exclusão simbólica, que reflete desigualdades históricas na região, bem como no restante do país. A pesquisa sugere, como encaminhamento prático, a urgência de políticas institucionais que valorizem a diversidade linguística regional, como a inclusão de literatura nordestina nas ementas e a promoção de oficinas culturais, garantindo que o direito de migrar não implique o apagamento da identidade de origem.

Palavras-chave: crenças e atitudes linguísticas; preconceito linguístico; Sociolinguística; acadêmicos nordestinos.

RESUMEN

El presente estudio explora el prejuicio lingüístico en torno a las hablas nordestinas en la ciudad de Foz do Iguaçu, con un enfoque central en el contexto de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA). El trabajo surgió de la necesidad de comprender cómo las creencias y actitudes lingüísticas se manifiestan en el día a día y de qué forma pueden reforzar la xenofobia regional e impactar la construcción de la identidad de los migrantes que provienen del Nordeste para realizar un curso universitario. Para ello, la metodología adoptada fue cualitativa, basada en entrevistas semiestructuradas con siete estudiantes universitarios nordestinos de diferentes Estados (Paraíba, Bahía, Piauí, Pernambuco, Maranhão), que residen actualmente en la ciudad de Foz do Iguaçu. El análisis de los datos fue guiado por los presupuestos de la sociolingüística, fundamentada en autores como Bagno (2015), Calvet (2002) y Labov (2008), que conciben la variación lingüística como un proceso natural y no como un error, y por los estudios sobre creencias y actitudes, en autores como Moreno Fernández (2009), Aguilera (2008) e Barcelos (2001). Los resultados revelan un escenario donde las variedades nordestinas son frecuentemente estigmatizadas, descritas como "graciosas" o "perezosas", generando situaciones de incomodidad, como bromas recurrentes e imitaciones, incluso por parte de docentes universitarios. Se identificó que los académicos migrantes más recientes tienden a adoptar la autocensura en ambientes formales, de mayor monitoreo y vigilancia del habla, mientras que los más antiguos demuestran una mayor resistencia, utilizando su propio 'acento' como un símbolo activo de identidad y orgullo. La conclusión señala que esta glotofobia no es un fenómeno aislado, sino una manifestación de exclusión simbólica, que refleja desigualdades históricas en la región, así como en el resto del país. La investigación sugiere, como directriz práctica, la urgencia de políticas institucionales que valoren la diversidad lingüística regional, como la inclusión de literatura nordestina en los planes de estudio y la promoción de talleres culturales, garantizando que el derecho a migrar no implique en el silenciamiento de la identidad de origen.

Palabras clave: creencias y actitudes lingüísticas; prejuicio lingüístico; Sociolingüística; académicos nordestinos.

ABSTRACT

The present study explores linguistic prejudice regarding Northeastern Brazilian dialects in the city of Foz do Iguaçu-PR, with a central focus on the context of the Federal University of Latin American Integration (UNILA). The work arose from the need to understand how linguistic beliefs and attitudes manifest in daily life and how they can reinforce regional xenophobia and impact the identity construction of migrants who move from the Northeast to pursue university degrees. To this end, a qualitative methodology was adopted, based on semi-structured interviews with seven Northeastern university students from different states (Paraíba, Bahia, Piauí, Pernambuco, Maranhão) residing in the city of Foz do Iguaçu. Data analysis was guided by the tenets of sociolinguistics, grounded in authors such as Bagno (2015), Calvet (2002), and Labov (2008), who frame linguistic variation as a natural process rather than an error, as well as studies on beliefs and attitudes by authors such as Moreno Fernández (2009), Aguilera (2008), and Barcelos (2001). The results reveal a scenario where Northeastern varieties are frequently stigmatized, described as "funny" or "lazy," leading to embarrassing situations such as recurring jokes and imitations, including those perpetrated by university faculty. It was identified that more recent migrant students tend to adopt self-censorship in formal environments, where speech monitoring and policing are higher, while more long-standing residents demonstrate greater resistance, using their own 'accent' as an active symbol of identity and pride. The conclusion points out that this glottophobia is not an isolated phenomenon, but rather a manifestation of symbolic exclusion that reflects historical inequalities in the region, as well as in the rest of the country. As a practical recommendation, the research suggests the urgency of institutional policies that value regional linguistic diversity, such as the inclusion of Northeastern literature in syllabi and the promotion of cultural workshops, ensuring that the right to migrate does not imply the erasure of one's identity of origin.

Key words: linguistic beliefs and attitudes; linguistic prejudice; Sociolinguistics; Northeastern academics.

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS – VIVÊNCIAS E DESAFIOS LINGUÍSTICOS NO COTIDIANO DE UM MIGRANTE EM FOZ DO IGUAÇU.....	12
INTRODUÇÃO	15
1.1 OBJETIVO GERAL.....	17
1.1.1 Objetivos Específicos.....	17
2 DEBATE TEÓRICO SOBRE O ESTUDO: CONCEPÇÕES E DIRECIONAMENTOS.....	18
2.1 A RELAÇÃO LINGUAGEM E SOCIEDADE: O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	18
2.2 O FENÔMENO DA XENOFOBIA NO BRASIL E SUAS CONEXÕES COM O PRECONCEITO LINGUÍSTICO REGIONAL.....	25
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: CENÁRIO E PERFIL DOS PESQUISADOS	28
3.1 INSTRUMENTO DA PESQUISA.....	30
3.2 PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS PARTICIPANTES	30
3.3 MAPA DE ORIGEM DOS ENTREVISTADOS.....	32
4 ANÁLISE DOS DADOS: OS RELATOS DOS ESTUDANTES NORDESTINOS.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICES	41
APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	41

PALAVRAS INICIAIS – VIVÊNCIAS E DESAFIOS LINGUÍSTICOS NO COTIDIANO DE UM MIGRANTE EM FOZ DO IGUAÇU

Migrar para um novo lugar implica sempre um processo de adaptação que vai além do físico: envolve também um ajuste cultural, social e linguístico. Minha vinda para Foz do Iguaçu, em 2022, não ocorreu em busca de uma oportunidade econômica — algo que minha cidade de origem, Fortaleza, capital do Ceará, oferece em abundância, como comprovam os dados oficiais da Prefeitura, que registra um crescimento de 41,6% na abertura de novas empresas, com destaque para educação, publicidade e logística. Trata-se da cidade mais rica economicamente da região do Nordeste, e o estado mais rico também. Desse modo, minha motivação foi pelo desejo de vivenciar a integração latino-americana que a UNILA busca promover, bem como pela diversidade multicultural que deveria fortalecer o intercâmbio e a integração na tríplice fronteira Brasil/Paraguai/Argentina. A cidade me pareceu atraente justamente por esse caráter além do contexto fronteiriço, um espaço onde culturas diversas se encontram e dialogam.

Porém, essa experiência de convívio multicultural se revelou desafiadora diante das vivências de preconceito linguístico e atitudes xenofóbicas que marcam o cotidiano da cidade. No ambiente de trabalho e na universidade, tenho presenciado manifestações dessa discriminação velada e outras vezes explícitas, que refletem uma visão estereotipada e excludente sobre os falares nordestinos e, por conseguinte, do nosso povo. Observações, aparentemente inocentes, sobre nosso jeito de falar acabam por trazer uma carga de exclusão, reforçando um olhar limitante sobre a diversidade linguística e cultural que compõe o Brasil.

Ser nordestino e ser migrante, seja no âmbito regional ou internacional, em Foz do Iguaçu, portanto, significa não apenas lidar com as diferenças culturais regionais, que poderiam ser um processo natural de encontro e troca, mas também enfrentar preconceitos que ultrapassam o aspecto linguístico e tocam questões profundas de identidade e pertencimento no cotidiano da cidade. Ribeiro (2022, p. 110) ilustra esse cenário ao relatar que, em 2016, um estudante haitiano da UNILA foi vítima de agressão física, que teve origem em violência verbal carregada de racismo e xenofobia. Esse episódio evidencia como o discurso anti-imigração, muito presente em discursos políticos autoritários e em manifestações nas ruas e na internet através

de posts, se revela produzindo diferentes tipos de violências, chegando a ferir direitos humanos fundamentais.

Tal violência pode estar fundamentada, entre outros aspectos, no legado do colonialismo amplamente disseminado no Sul do Brasil, onde parte da população manifesta uma sensação de superioridade em relação a outras regiões do país — seja em relação ao clima, à raça ou a outros aspectos. Em outras palavras, trata-se de uma construção imagética e discursiva que atravessa ideais coloniais, eugenistas e racistas, os quais legitimam a xenofobia na região, desencadeando reações adversas e agressões motivadas por preconceitos e rejeição local ao projeto multicultural da região. Essa violência também pode ser reproduzida em um contexto marcado pelas políticas de inclusão, que incentivam a chegada de alunos internacionais latino-americanos e caribenhos na UNILA, mas que não conseguem efetivar essa integração na prática. A realidade vivida pessoalmente evidencia a urgência de ampliar o debate sobre o preconceito linguístico e a glotofobia, para que possamos avançar em direção a uma convivência mais inclusiva, que valorize a riqueza cultural e linguística presentes em nosso país.

O preconceito linguístico que vivencio está enraizado na ideia de que existe uma única forma correta de falar e pronunciar as palavras, exclusivista e normativa, ainda que essa concepção seja infundada, considerando a diversidade linguística da região Nordeste. Essa postura é reproduzida não só por alguns moradores da cidade, mas também por pessoas de outras cidades do Sul do país e mesmo em outras partes, o que revela um problema social ampliado que ultrapassa o espaço local.

As expressões que costumo ouvir no dia a dia, frequentemente, revelam essa hostilidade, muitas vezes de forma sutil ou subentendida. Comentários como “Não é preconceito, longe de mim! mas é que vocês falam de um jeitinho engraçado”, “Às vezes, vocês falam muito arrastado, a gente não entende bem às vezes” ou ainda imitações da variação linguística acompanhadas de afirmações como “Tive um colega de trabalho que fala meio assobiandinho assim, ele mora ali pertinho da sua cidade, em Maceió” ilustram bem essa situação. Esta última afirmação revela, entre outros aspectos, o estereótipo que o Nordeste é um lugar pequeno, homogêneo, em que todos se conhecem.

Embora disfarçadas sob um tom aparentemente inocente, essas falas podem reforçar a ideia de inferioridade e estranheza dos falares nordestinos, contribuindo, em parte, para a exclusão social dos indivíduos que os utilizam. Dessa forma, este

trabalho nasce do encontro entre minha vivência migratória e a vontade de compreender como o falar nordestino é percebido na região, buscando contribuir para um debate sociolinguístico que promova respeito, reconhecimento e integração entre as diferentes identidades culturais que tornam o Brasil plural. A ideia inicial era entrevistar dois grupos, entre acadêmicos nordestinos e foz iguaçuenses, mas devido à não adesão deste segundo grupo, o foco foi redirecionado apenas aos estudantes unileiros provenientes da região nordestina do país.

Assim, este pré-capítulo busca apresentar minha experiência como ponto de partida para a reflexão sobre as dinâmicas de preconceito linguístico e regional, evidenciando a importância de ampliar esse debate no meio acadêmico e na sociedade, para promover uma convivência mais inclusiva e respeitosa às diversidades linguísticas e culturais do Brasil.

INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico em torno dos falares nordestinos é um fenômeno complexo que reflete estigmas sociais, econômicos e culturais arraigados na história do Brasil. Rago (2011) descreve esse processo de enraizamento como responsável por recortar e designar a região na maior parte das vezes de forma negativa e pejorativa descrevendo-a como lugar do atraso do rural e do passado persistente e em contraponto valorizando Sul e Sudeste como lugares do progresso, razão e futuro.

A discriminação linguística não apenas promove desigualdades regionais, mas também coabitam com a xenofobia, afetando a autoestima e as oportunidades sociais e profissionais dos nordestinos. Como destaca Marcos Bagno, o preconceito linguístico é um "instrumento de exclusão social" que se manifesta na "desqualificação das variedades linguísticas" (1999, p. 15).

Consoante a ideia exposta pelo referido autor, a discriminação linguística se constrói com o prestígio ou a valorização de determinados falares em detrimento de outros, o que é comumente reforçado pelas mídias, como nas grandes emissoras de televisão ou até mesmo na internet em sites de veículos de comunicação ou comentários de redes sociais.

Conforme Guimarães (2021), a língua dentro de uma comunidade não é algo fixo ou uniforme, mas um sistema que varia de acordo com diferentes influências sociais, culturais e regionais. Diante disso, o campo de estudos da Sociolinguística (Moreno Fernández, 1998; Alkmim, 2001; Calvet, 2002; Mollica e Braga, 2010; Bortoni-Ricardo, 2014), base teórica deste trabalho, aborda diversos estudos, como o contato entre as línguas, o multilinguismo, surgimento ou extinção linguística, variação e mudança na língua. Ademais, a pesquisa foca-se em estudos de crenças e atitudes linguísticas baseados em Morales (2004) e Botassini (2013), os quais demonstram que tais percepções raramente são neutras. Frequentemente, manifestam-se em julgamentos de valor que podem consolidar práticas de discriminação e, em contextos específicos, despertar o fenômeno da glotofobia. Esta é entendida como o preconceito direcionado especificamente ao sotaque ou modo de falar de um indivíduo, funcionando como um mecanismo de exclusão social. Diferencia-se do preconceito linguístico em sentido restrito pois, este foca na "correção" gramatical ou norma culta, enquanto a glotofobia ataca a identidade e a origem do falante, transformando o traço linguístico em estigma social.

Também este arcabouço teórico-metodológico nos permite identificar como o preconceito linguístico se manifesta, principalmente em torno de falantes de regiões do Nordeste, onde a linguagem reflete as crenças e os costumes locais, que reflete estigmas que revelam preconceitos sociais enraizados há muito tempo arraigados na sociedade brasileira.

Diante disso, a área da Sociolinguística, em oposição aos estudos essencialmente estruturalistas e gerativistas da língua, oferece ferramentas essenciais para analisar a variação linguística e a diversidade linguística, bem como seu impacto na construção de identidades sociais. William Labov, um dos principais teóricos fundadores da área, defende que as diferenças dialetais não deveriam implicar em hierarquias, mas sim variações naturais da linguagem, que é viva e mutável (Labov, 2008, p. 12). Isso porque, as variedades linguísticas fazem parte das línguas naturais, como no caso dos regionalismos, ainda mais em um país tão extenso e diverso quanto o Brasil.

Assim, os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas Botassini (2008), dentro do escopo da Sociolinguística, em relação ao falar nordestino, são cruciais para compreender como o preconceito linguístico se manifesta na sociedade a partir do levantamento das avaliações e opiniões das pessoas sobre esse aspecto. São comuns, por exemplo, atitudes negativas, como a desvalorização da variação linguística nordestina, e crenças errôneas, como a ideia de que o falar nordestino é "incorreto" ou "inferior", ideias frequentemente internalizadas e reforçadas pela mídia e pela educação e, dessa maneira, "replicadas" pelos demais falantes Calvet (2002, p. 45). Tais atitudes, por conseguinte, podem contribuir para a xenofobia regional, onde o nordestino é frequentemente estereotipado e ridicularizado em obras regionalistas e novelas de grandes emissoras de TV Dáu (2009).

Assim, para que possamos compreender mais as dinâmicas desse preconceito e suas manifestações, é de suma importância investigar como ele se expressa em diferentes contextos regionais. Nesse sentido, é pertinente analisar como os iguaçuenses percebem o falar nordestino: quais preconceitos linguísticos, explícitos ou implícitos, estão presentes em suas atitudes? Quais crenças e estereótipos sustentam essas percepções?

Como ressalta Albuquerque Júnior (2014, p. 33): "O Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder." Essa perspectiva evidencia que o preconceito

linguístico está incorporado às relações de poder e na construção social da identidade regional. Essas questões são essenciais para revelar as particularidades da xenofobia e suas implicações na construção da identidade cultural e social dos nordestinos fora de sua região de origem.

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os comportamentos linguísticos de acadêmicos da Unila, provenientes da região Nordeste do Brasil e residentes de Foz do Iguaçu, investigando suas crenças e atitudes em torno dos falares nordestinos à luz de referenciais sociolinguísticos e históricos

1.1.1 Objetivos Específicos

- Debater as raízes históricas do preconceito linguístico associadas aos falantes nordestinos, examinando os mecanismos de perpetuação da glotofobia na mídia e na educação.
- Traçar um perfil sociolinguístico dos participantes da pesquisa, composto por falantes nordestinos, acadêmicos da Unila;
- Levantar crenças de acadêmicos nordestinos em torno dos falares nordestinos e verificar suas atitudes linguísticas em torno destas variantes linguísticas por meio de entrevistas.

Na continuidade deste estudo será, primeiramente, apresentadas as concepções teóricas, após, aspectos metodológicos e, por fim, as análises depreendidas das entrevistas aplicadas considerando que posicionamento dos participantes estão pautados pelas representações do sujeito, pelas crenças e atitudes que o constituíram ao longo da vida e que o fazem ter reações positivas ou negativas em relação a algo ou a alguém.

2 DEBATE TEÓRICO SOBRE O ESTUDO: CONCEPÇÕES E DIRECIONAMENTOS

2.1 A RELAÇÃO LINGUAGEM E SOCIEDADE: O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

No campo teórico, a Sociolinguística emerge como uma área interdisciplinar dos estudos linguísticos, posicionando-se como o ramo que investiga a relação entre fenômenos linguísticos e sociais. Surgida na década de 1960 com William Labov e sua “Sociolinguística Variacionista” ou “Teoria da Variação”, essa abordagem destaca a heterogeneidade inerente a todas as línguas e adota a variedade e a mudança como objetos centrais de investigação Labov (2008); Mollica; Braga (2010). A variação linguística, assim, não é vista como defeito ou erro, mas como um aspecto sistemático e regulado, refletindo processos sociais e estruturais capazes de destacar o funcionamento e a evolução da língua em suas comunidades de fala Calvet (2007).

Nesse contexto, a “norma-padrão” é geralmente percebida como variante de prestígio, enquanto as demais variantes, frequentemente associadas a grupos sociais marginalizados ou a regiões invisibilizadas, sofrem estigmatização, gerando preconceitos que se manifestam no âmbito sociolinguístico e extrapolam para outras dimensões sociais, como a xenofobia.

Como ressalta Bortoni-Ricardo (2005, p. 15),

O problema não parece estar, pois, na existência de um código padrão, mas no acesso restrito que grandes segmentos da população têm a ele, o que evidencia que a desigualdade linguística está mais relacionada às condições sociais do que a uma suposta inferioridade das variedades não padrão.

Assim, o estudo da variação linguística, aliado à análise das crenças, atitudes e preconceitos linguísticos, permite uma compreensão aprofundada da língua como um fenômeno socialmente situado, complexo e dinâmico, fruto de processos históricos, culturais e políticos que moldam tanto o discurso quanto a identidade dos falantes Calvet (2007).

A variação linguística é, por conseguinte, um fenômeno que demonstra como uma mesma língua pode ser utilizada de diversas formas pelos seus falantes, sem que isso comprometa o significado básico das palavras ou das estruturas. Essas diferenças se manifestam em vários níveis, como pronúncia, vocabulário, morfologia, sintaxe e até no modo de usar a língua em diferentes contextos comunicativos. Trata-se de um aspecto natural e fundamental da dinâmica das línguas vivas, refletindo a heterogeneidade e plasticidade inerentes à linguagem humana Costa (1996).

Já a visão de uma suposta uniformidade do português brasileiro é em grande parte proveniente do mito do monolinguismo, para o qual contribuíram: 1) uma certa forma de nacionalismo; 2) uma visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta; e 3) uma certa insensibilidade para a variação, contrapartida do fato de que os falantes se adaptam naturalmente a diferentes contextos de fala (Ilari; Basso, 2011).

Já uma comunidade de fala é formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, ao menos, uma língua, mas também um conjunto de normas e valores sociolinguísticos: compartilham atitudes linguísticas, regras de uso, critérios para julgar socialmente fatos linguísticos e padrões sociolinguísticos. Os membros dessa comunidade reconhecem-se pelas opiniões comuns sobre o que é popular, incorreto, arcaizante ou articulado Moreno Fernández (2009, p. 23). Portanto, a comunidade de fala não é apenas um grupo que usa a mesma língua, mas um grupo socialmente coeso que reflete e reforça uma identidade compartilhada por meio do controle e avaliação das variedades linguísticas consideradas legítimas ou socialmente aceitáveis.

Quando o falante participa do conjunto de normas impostas por sua comunidade de fala e reconhece como sua a identidade daquele grupo de pessoas, ele está desempenhando a sua lealdade linguística. Diferentemente, quando o falante por algum motivo se apresenta contrário às práticas linguísticas do seu grupo, avaliando o seu grupo linguístico de maneira negativa, esse falante desempenha a deslealdade linguística.

A Sociolinguística, especialmente na perspectiva variacionista, dedica-se ao estudo das formas alternativas que a língua pode assumir, considerando características internas do sistema linguístico e influências sociais e culturais externas. Essas variações manifestam-se por alternância de elementos linguísticos dependentes das condições sociais e contextuais específicas. Um exemplo emblemático é o uso distinto dos pronomes "tu" e "você" no português brasileiro, diretamente relacionado a fatores regionais, socioculturais e contextuais.

Entre as variações linguísticas, a regional é, geralmente, a mais evidente, vinculada ao território onde a língua é falada. Ela se manifesta em 'sotaques', vocabulário e construções gramaticais específicas. Diante do exposto, Nunes (2020, p. 20) afirma que, no Brasil, devido à diversidade cultural e histórica, o português apresenta amplo repertório regional, exemplificado pela palavra "porta". O "r" em

"porta" varia conforme a região: no Nordeste, costuma ser aspirado ou com som gutural, semelhante ao "r" francês, devido a influências históricas e culturais; no Sul, especialmente no Rio Grande do Sul, o "r" é vibrante forte e feito com a ponta da língua, similar ao "r" do espanhol; já no Sudeste, especialmente no interior de São Paulo e Minas Gerais, o "r" predominante é o retroflexo, conhecido como "r caipira", um som suave produzido na parte posterior da boca, característico e genuinamente brasileiro. O que muitas vezes também se reflete em outras regiões do país, como no Oeste paranaense.

A Sociolinguística destaca que esses regionalismos integram o contexto sociocultural das comunidades e estão interligados a variáveis sociais como classe, gênero, idade, escolaridade e etnia, que também influenciam a forma da língua em cada grupo. Além disso, a variação linguística depende de fatores internos, agrupados em categorias distribucionais (posição do elemento na palavra ou sílaba), contextuais (sons adjacentes) e funcionais (categorias gramaticais).

Assim, o uso linguístico resulta da complexa interação entre a estrutura da língua e o contexto social dos falantes. Essa interação é mediada pelas normas e valores compartilhados pela comunidade de fala, que orienta o julgamento social sobre variações linguísticas, definindo o que é adequado, popular ou marginal, reforçando a identidade sociolinguística por meio da linguagem, conforme salientado por Moreno Fernández (2009). Dessa forma, variações linguísticas são expressões vivas da dinâmica social e cultural que caracteriza cada comunidade de fala.

Entretanto, essa diversidade linguística pode ser alvo de preconceitos, o que se manifesta no fenômeno do preconceito linguístico e da xenofobia. Esta última compreendida como o medo ou rejeição de grupos sociais e culturais distintos, também pode se estender à dimensão linguística, resultando na desvalorização de variantes associadas a minorias ou migrantes de dentro do próprio país. Esse tipo de hostilidade contribui para a segregação social e para o enfraquecimento da convivência entre diferentes grupos, uma vez que atribui valores negativos a determinadas formas de falar Barreto (2019).

O preconceito linguístico, por sua vez, pode se traduzir em julgamentos negativos a variedades linguísticas consideradas socialmente inferiores, reforçando desigualdades sociais e a exclusão cultural Bagno (2015). Nesse contexto, destaca-se a glotofobia, conceito cunhado pelo sociolinguista francês Philippe Blanchet para designar uma forma específica de preconceito linguístico que se manifesta como

aversão, desprezo ou discriminação contra sotaques, dialetos ou variedades específicas. Esse fenômeno desqualifica o falante por sua origem geográfica ou social refletida na fala, atuando como um mecanismo de exclusão. Enquanto o preconceito linguístico é um termo abrangente para qualquer julgamento negativo sobre variedades linguísticas, geralmente baseadas na norma culta, a glotofobia foca na rejeição da identidade do indivíduo através de sua marca vocal, transformando a língua em um transmissor de hostilidade e segregação social Blanchet (2016).

A perpetuação do preconceito e, assim, da glotofobia em torno dos falares nordestinos, conforme Guimarães (2021), aponta que a língua dentro de uma comunidade não é algo fixo ou uniforme, mas um sistema que varia de acordo com diferentes influências sociais, culturais e regionais. A Sociolinguística permite identificar como o preconceito linguístico se manifesta, principalmente contra os falantes de regiões do Nordeste, onde a linguagem reflete as crenças e os costumes locais, ao passo que enfrenta estigmas que revelam preconceitos sociais enraizados. O preconceito linguístico não apenas desvaloriza as variedades linguísticas da região Nordeste, como também reforça estereótipos negativos sobre a região, contribuindo para a marginalização social e econômica dos nordestinos.

Depreende-se que as atitudes constituem um fenômeno social e psicológico complexo, por meio do qual os sujeitos interpretam, sentem e ressignificam a realidade. Nesse sentido, configuram-se como evidências relevantes das tendências individuais e coletivas relacionadas ao uso, à aprendizagem ou ao ensino de línguas. As atitudes linguísticas podem ser compreendidas como o conjunto “de sentimentos dos falantes em relação às suas línguas, às variedades linguísticas e aos sujeitos que as utilizam” (Calvet, 2002, p. 65).

Assim, as atitudes linguísticas são influenciadas por fatores contextuais e históricos e, embora se manifestem no plano individual, têm origem em práticas e comportamentos coletivos, sendo continuamente (re)produzidas no cotidiano e exercendo impacto direto sobre o comportamento linguístico (Calvet, 2002). Nessa perspectiva, a língua associada a grupos com menor poder político, econômico e cultural tende a assumir o status de língua minoritária ou estigmatizada, em contraste com a língua majoritária ou de prestígio.

Nesse sentido, as atitudes negativas em relação ao falar de indivíduos dos nove estados nordestinos são frequentemente reforçadas pela mídia e pelo próprio sistema educacional. Na mídia, por exemplo, as variedades linguísticas nordestinas

costumam ser mostradas de forma exagerada e estereotipada, sempre associando a imagens de atraso e pobreza, o que acaba desvalorizando a cultura da região.

Programas de televisão, principalmente novelas e comédias, reproduzem essas imagens distorcidas, enquanto o português falado em outras regiões, como o Sudeste, é tratado como padrão ideal, o que marginaliza os falares nordestinos e legitima o preconceito linguístico. Como aponta Bagno (1999, p. 15), “embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade”, o que reforça a ideia de que não existe um único modo “correto” de falar, mas sim múltiplas formas legítimas de uso da língua.

Por outro lado, nas escolas, o preconceito linguístico se mantém porque o português padrão do sudeste é visto, recorrentemente, como o único correto, e as variedades regionais são encaradas como erros a serem corrigidos. Enquanto isso, muitos professores e gestores demonstram pouco interesse ou preparo para enfrentar esse tipo de discriminação, e às vezes até reproduzem atitudes preconceituosas contra os estudantes que falam com variação linguística nordestina. Essa falta de ação contribui para que esses alunos se sintam pressionados a mudar sua forma de falar para serem aceitos, o que pode afetar sua autoestima e identidade cultural. Sem políticas educacionais que valorizem a diversidade linguística e cultural, o preconceito em torno dos falares nordestinos permanece invisível e sem enfrentamento, dificultando a construção de um ambiente mais justo e respeitoso para todas as regiões do país, perpetuando um ciclo de desvalorização linguística e cultural.

Essas crenças tradicionais sobre a linguagem ainda reforçam uma noção equivocada de que existe um único “padrão” linguístico a ser seguido. Mas, afinal, que padrão é esse? Na prática, o que se chama de “sotaque neutro”, muito comum entre jornalistas da televisão brasileira, é uma forma suavizada da variação linguística paulista ou carioca, que acabou sendo imposta como a norma e “o normal”, a variedade “padrão”.

Essa ideia de neutralidade não passa de uma construção social que privilegia determinadas regiões do país e desvaloriza outras formas legítimas de falar, como as do Norte e Nordeste. Isso acaba reforçando o preconceito linguístico e a exclusão de falantes que não se encaixam nesse modelo.

A apresentadora da Rede Record Renata Alves¹, por exemplo, contou que já

¹ <https://caras.com.br/tv/renata-alves-expoe-drama-e-celebra-sotaque-nordestino-minhas-raizes.phtml>

foi alvo de ataques por causa de seu falar nordestino. O jornalista da Globo Alan Severiano² também revelou que precisou esconder o próprio jeito local de falar para conseguir espaço na televisão. Casos como o da ex-BBB Juliette³, que relatou terem pedido que ela “neutralizasse” sua forma de falar durante um teste de dublagem, mostram como essa pressão ainda é muito presente. Como alerta Labov (2008, p. 15), esse tipo de crença ajuda a manter uma hierarquia entre as formas de falar, contribuindo diretamente para o estigma que ainda recai sobre a fala nordestina.

A novela das oito horas é mais uma vez sobre o “Nordeste”, pois lá estão presentes o coronel, muitos tiros e tocaias, o padre, a cidadezinha do interior e todos os personagens falam “nordestino”, uma língua formada por um sotaque postigo e acentuado e um conjunto de expressões pouco usuais, saídas do português arcaico, de uma determinada linguagem local ou de dicionários de expressões folclóricas, de preferência. (Albuquerque Jr, 2011, p. 30)

Assim, para que possamos compreender plenamente as dinâmicas desse preconceito e suas manifestações concretas, é de suma importância investigar como ele se expressa em diferentes contextos regionais. Nesse sentido, é pertinente analisar como os acadêmicos percebem que os falares nordestinos são recebidos/avaliados na região em que residem. Como ressalta Albuquerque Júnior (2011, p. 33), “O Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder”.

No que se refere à definição de crenças adotada neste estudo, recorre-se à perspectiva de Barcelos (2001), segundo a qual as crenças consistem em ideias, opiniões e pressupostos acerca das línguas, formulados a partir de suas próprias experiências”. Nessa perspectiva, a crença assume um caráter mais abrangente, pois engloba a atitude, ou, mais precisamente, contempla os três componentes tradicionalmente associados a ela: o cognitivo (conhecimento), o afetivo (sentimento) e o comportamental (ação) (López Morales, 2004).

Para além da observação das variações, a compreensão das crenças e atitudes linguísticas é essencial para explicar como as pessoas percebem e reagem às diferentes formas de falar. As crenças linguísticas são construções sociais que formam ideias sobre o que é considerado correto ou inadequado na fala, influenciadas

² <https://www.terra.com.br/diversao/tv/alan-severiano-da-globo-tem-video-antigo-vazado-e-detalle-chama-a-atencao,415c455628d4b9ae37d6e12a07b3c46cwe3vknkjy.html>

³ <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/06/11/juliette-neutralizar-o-sotaque.ghtml>

por vivências e avaliações pessoais. Por exemplo, a crença de que uma variedade regional indica falta de educação é um juízo social, não linguístico. Já as atitudes linguísticas correspondem às respostas emocionais, que podem ser positivas ou negativas, que os indivíduos expressam ante essas crenças. Dessa forma, elas podem valorizar uma variedade ou, inversamente, alimentar o preconceito e a exclusão dos falantes (Barcelos, 2001; Bortoni-Ricardo, 2014).

Assim, há uma complexa relação entre língua, sociedade e identidade, inerente aos falantes, o que provoca neles posicionamentos variados frente à(s) língua(s) ou à(s) variedade(s) linguística(s), reverberando-se, por conseguinte, aos usuários dela(s) (Aguilera, 2008). Destarte, é no processo de interação social, nas relações entre os sujeitos que se desencadeiam determinadas atitudes, que implicam em componentes de caráter afetivo, crenças e condutas (Moreno Fernández, 2009).

Dessa forma, as atitudes são regidas pelas crenças linguísticas formadas pela sociedade nos diferentes falares, o que leva a manifestações que provocam “atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outras (Silva; Aguilera, 2014, p. 705).

Além disso, as crenças produzem apreciação e valoração e têm origem nas nossas experiências, na cultura e no folclore e também podem ser internamente inconsistentes e contraditórias e dificilmente podem ser modificadas (Barcelos, 2001). Diante disso, é importante entender os contextos para verificar onde estão amparadas essas concepções para tentar desconstruí-las.

Fabrizio (2006, p. 48) ressalta que, “práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social”, o que evidencia que esses discursos revelam e reproduzem desigualdades e discriminações sociais. Tal perspectiva mostra que os discursos não apenas refletem a realidade social, mas também atuam ativamente em sua constituição, na medida em que legitimam determinados sentidos, sujeitos e práticas em detrimento de outros. Ao serem produzidos e circularem em contextos sociais específicos, os discursos contribuem para a naturalização de hierarquias, valores e representações que favorecem grupos socialmente hegemônicos, ao mesmo tempo em que invisibilizam, estigmatizam ou marginalizam grupos em posições de menor poder.

Nesse sentido, os efeitos das práticas discursivas manifestam-se na reprodução de desigualdades sociais, culturais e linguísticas, bem como na

manutenção de processos de discriminação que se expressam, por exemplo, na valorização de determinadas línguas, variedades ou modos de falar em detrimento de outros. Assim, compreender o caráter ideológico e político do discurso torna-se fundamental para analisar como relações de poder são construídas, negociadas e reiteradas nas interações sociais, especialmente em contextos educativos e sociolinguísticos marcados pela diversidade e pela assimetria social.

Destarte, a construção da identidade nordestina, conforme analisada pelo historiador Albuquerque Júnior (2011), é fundamental para entender como os falares nordestinos são percebidos e desvalorizados por grande parte da população no Brasil. O mesmo autor argumenta que o Nordeste foi inventado como um espaço de "outro", como uma forma de separação bem definida.

Segundo o historiador cultural Hall ([2003] 2013), o conceito de raça, relacionado ao fator identidade, é uma construção social e política, funcionando como uma categoria discursiva. Essa categoria organiza as maneiras de falar e os discursos, atribuindo características físicas, como cor da pele e textura do cabelo, que passam a ser símbolos distintivos entre grupos sociais. Essas características são usadas para definir o "outro", aquele considerado estranho ou diferente.

O sujeito analisado por Moita Lopes (2002) é justamente essa pessoa marginalizada, que não está incluída na ideia do "sujeito social" tradicionalmente adotado pelos estudos tradicionais, que tipicamente representa o homem branco, heterossexual e de classe média, o que é, ao mesmo tempo, influenciado de maneira direta a percepção da sociedade sobre as suas variedades linguísticas (Albuquerque Júnior, 2014, p. 23).

2.2 O FENÔMENO DA XENOFOBIA NO BRASIL E SUAS CONEXÕES COM O PRECONCEITO LINGUÍSTICO REGIONAL

A hostilidade ao "outro" no Brasil é um processo histórico e multifacetado, manifestando-se tanto na exclusão de estrangeiros quanto no preconceito entre os próprios brasileiros, como os nordestinos. Conforme destacado por Ribeiro (2022), o que muitas vezes se interpreta como um fenômeno recente, ganhou repercussão especialmente durante campanhas eleitorais recentes, mas tem raízes profundas na colonização e no racismo estrutural que permeia a história brasileira.

A xenofobia no Brasil manifesta-se, entre outras formas, por meio do preconceito linguístico, especialmente em torno das variedades regionais do

português faladas no Nordeste. Essa discriminação linguística não se limita à avaliação normativa das línguas, mas carrega um estigma que desqualifica identidades culturais e sociais inteiras, contribuindo para a exclusão social e para práticas de hostilidade que ultrapassam a linguagem.

Os discursos de ódio identificados nas redes sociais contra nordestinos durante períodos eleitorais demonstram o quanto o preconceito linguístico pode estar inscrito em processos de exclusão e violência simbólica que se aproximam da xenofobia e do racismo. Posturas que ridicularizam os falares nordestinos refletem não apenas um desprezo pelo modo de falar, mas uma reprovação da identidade regional e cultural daqueles falantes, o que reforça as desigualdades e perpetua estereótipos negativos.

Ribeiro (2022) questiona a ambiguidade que frequentemente existe entre os conceitos de racismo, xenofobia e discriminação de origem, tanto na literatura acadêmica quanto nos discursos jornalísticos, destacando a necessidade de um olhar crítico sobre as especificidades de cada conceito para que não se banalize um fenômeno tão grave. Esta reflexão é fundamental para compreender o preconceito linguístico no Brasil como uma expressão de intolerância que transcende o plano linguístico, associando-se a construções sociais de alteridade que marcam a identidade dos nordestinos como “outros”.

Além disso, a análise das crenças e atitudes dos falantes em relação aos falares nordestinos em cidades fora da região Nordeste, como Foz do Iguaçu, revela concretamente a incidência desse preconceito, mostrando-o como um caso de xenofobia regional. Isso demonstra a importância de se desvendar a relação entre linguagem, poder e identidade no contexto sociocultural brasileiro, evidenciando como grupos marginalizados têm suas identidades linguísticas e culturais invisibilizadas e deslegitimadas em espaços sociais diversos.

Assim, o preconceito linguístico é um fenômeno social ampliado, que se conecta à xenofobia e ao racismo estrutural, para o desenvolvimento de análises mais elaboradas e políticas públicas eficazes que enfrentem essas formas de exclusão. O estudo dos falares nordestinos em contextos fora da região de origem permite compreender como o preconceito linguístico é uma das expressões contemporâneas da xenofobia no Brasil, reforçando mecanismos de segregação e desigualdade.

O fenômeno da xenofobia no Brasil apresenta-se de forma multifacetada e histórica. Conforme destacado por Ribeiro (2022, p, 104-107),

O problema da xenofobia no Brasil tem apresentado historicamente diferentes facetas, ainda que se possa acreditar que o fenômeno seja bastante novo, o que não é. [...] as situações de discriminações e violências contra os povos indígenas, a manutenção de discursos discriminatórios dirigidos a negros brasileiros e estrangeiros na cultura brasileira, as situações de preconceitos linguísticos contra os falares nordestinos, por brasileiros das regiões Sul e Sudeste, revelam o sistemático funcionamento da xenofobia e do racismo estrutural em nossa história, o que remonta anos de colonização até os dias atuais.

Essa reflexão evidencia que a xenofobia no Brasil não deve ser compreendida apenas como um fenômeno recente ou restrito à hostilidade contra estrangeiros, mas como um mecanismo estrutural de exclusão social que atravessa e manifesta-se em várias dimensões, incluindo o preconceito linguístico em torno dos falantes do Nordeste.

Dessa forma, a discriminação linguística deixa de ser um problema isolado para se tornar parte de um conjunto maior de intolerâncias, enraizadas em processos históricos de formação social e cultural do país. Os estigmas linguísticos que recaem sobre os falares nordestinos, portanto, podem ser entendidos não apenas como expressões de diferenças regionais, mas como práticas que reforçam a construção do “outro” — uma identidade marcada pela exclusão e pelo preconceito, tal como descrevem teóricos da Sociolinguística e estudos sobre o racismo estrutural.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: CENÁRIO E PERFIL DOS PESQUISADOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa também chamada de interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008), pois busca compreender as crenças e atitudes dos participantes em relação aos falares nordestinos por meio de levantamento de informações com falantes provenientes do Nordeste e residentes em Foz do Iguaçu, acadêmicos da Unila.

Nesse contexto, Alves e Aquino (2012, p. 81) especificam a pesquisa qualitativa como "uma práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas, dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais". Não há, pois certezas, mas evidências que levam à interpretação dos dados levantados.

Nesse sentido, primeiramente, foi aprofundada a revisão teórica no campo da Sociolinguística, dando continuidade à trajetória como bolsista de Iniciação Científica (IC/UNILA) no projeto de pesquisa "Crenças e Atitudes Linguísticas de Discentes Paraguaios em Torno das Línguas na Universidade" subsidiado pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, realizada no ano de 2022. De outra forma, para este estudo, o foco sendo outros participantes, foram entrevistados sete universitários.

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista presencial, através da aplicação de um questionário semiestruturado aplicado individualmente (ver anexo), composto por sete perguntas abertas, além de dados sociolinguísticos para realizar o perfil dos participantes.

As perguntas foram elaboradas a fim estimular a reflexão sobre crenças e atitudes, incentivando o entrevistado a evidenciar posicionamentos sobre os falares nordestinos de modo a verificar a percepção deles e suas posturas na cidade em que estão residindo. Vale destacar que a entrevista semiestruturada não segue um modelo rígido, assim as perguntas foram adaptadas ao longo da conversa, conforme o andamento do diálogo. As entrevistas ocorreram entre 27 de outubro de 2025 a 24 de novembro de 2025, foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Cabe mencionar que a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), fundada pela Lei nº 12.189, de 12 de janeiro de 2010, tem a missão de promover a integração regional e o intercâmbio cultural, científico/educacional, e

possui uma característica atrativa de diversidade em sua comunidade acadêmica. A instituição atrai um número significativo de estudantes internacionais e isso cria um ambiente multicultural e multilíngue único na cidade de Foz do Iguaçu, ademais por estar situada em uma região de tríplice fronteira entre *Puerto Iguazú* (AR), *Ciudad del Este* (PY) e Foz do Iguaçu (BR).

A referida instituição superior de ensino tem como princípios metodológicos e institucionais a interdisciplinaridade, a interculturalidade, o bilinguismo (espanhol-português) e o multilinguismo, a integração solidária, a gestão democrática, a ética, os direitos humanos e a equidade étnico-racial e de gênero e a sustentabilidade e bem-estar.

Nesse cenário, os participantes da pesquisa foram selecionados intencionalmente por serem estudantes brasileiros que vieram da região Nordeste do país, inserindo-se em um contexto geográfico e social distinto do seu local de origem. O *corpus* do estudo foi composto por sete universitários provenientes de diferentes localidades do Nordeste: João Pessoa/PB, Jacobina/BA, Olinda/PE, Ibotirama/BA, São Luís/MA, Teresina/PI e Salvador/BA) e de diferentes cursos universitários: Ciências Biológicas, Economia, Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar, Antropologia, Mediação Cultural - Artes e Letras, Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras, e História - Licenciatura.

A diversidade de origem dentro da própria região Nordeste permitiu uma análise mais rica das nuances das crenças e atitudes linguísticas vivenciadas por esses indivíduos em um ambiente universitário conhecido pela sua pluralidade, mas que pouco pode explorar essas variedades culturais de dentro do território nacional.

Os dados foram organizados e analisados usando o método de análise Sociolinguística (Tarallo, 2000), buscando identificar padrões de crenças e atitudes, bem como exemplos de preconceito linguístico e xenofobia regional. O objetivo é confrontar os dados com a revisão teórica feita para refletir sobre como as crenças e atitudes em torno dos falares nordestinos se relacionam com o preconceito linguístico e a construção de identidades sociais e culturais na região de Foz do Iguaçu e o debate mais amplo sobre a construção histórico-social do estigma que envolve essa população no cenário brasileiro que se reverbera no cenário mais local da pesquisa.

Também é importante mencionar que todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e aceitaram participar de forma voluntária, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, incluso nos anexos. Além

disso, suas identidades serão resguardadas e não haverá o uso de seus nomes, referenciados através de pseudônimos.

3.1 INSTRUMENTO DA PESQUISA

Conforme já citado, foram realizadas entrevistas com acadêmicos unileiros por meio de um questionário que continha sete perguntas abertas sobre questões que envolvem vivências e experiências linguísticas na Unila e na cidade de Foz do Iguaçu, além de perguntas mais focadas em dados contextuais, conforme pode ser verificado na seção sobre o Perfil Sociolinguístico dos participantes.

Houve a necessidade de sondagem inicial com alguns docentes de algumas turmas para saber se havia alunos provenientes do Nordeste brasileiro, sendo que o número de contatos foi bem maior do que o número de respondentes. Atribui-se essa dificuldade ao tempo disponível dos acadêmicos pela sua rotina de estudo versus trabalho e, possivelmente, algum desconforto em participar de uma pesquisa científica ou até mesmo desconhecimento de como seria essa interlocução.

Diante disso, buscou-se o melhor horário para que houvesse adesão do público e aplicação de um questionário simples e o mais sucinto possível.

3.2 PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS PARTICIPANTES

Participante⁴	Data de Nascimento	Local de Origem	Tempo de Residência em Foz do Iguaçu	Curso Universitário	Ano de Ingresso
Gabriela	21/12/2006	Jacobina – BA	6 anos	Ciências Biológicas	2025.1
Macabéa	25/12/2005	Teresina – PI	8 meses	Economia	2025.1
Pedro Bala	26/11/2000	Ibotirama – BA	5 anos	Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar	2019.2
Chicó	29/07/1990	Olinda – PE	7 meses	Antropologia	2025.1

⁴ Para garantir o anonimato, conforme os protocolos de ética da pesquisa, os participantes foram identificados com nomes de personagens da literatura nordestina, prestando uma homenagem à riqueza cultural da região.

Severino	23/03/2002	São Luís – MA	3 anos	Mediação Cultural – Artes e Letras	2021.2
Bibiana	31/08/1989	Salvador – BA	3 anos	Letras – Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras	2022.2
Lampião	09/04/1988	Caaporã – PB	8 anos	História – Licenciatura	2019.1

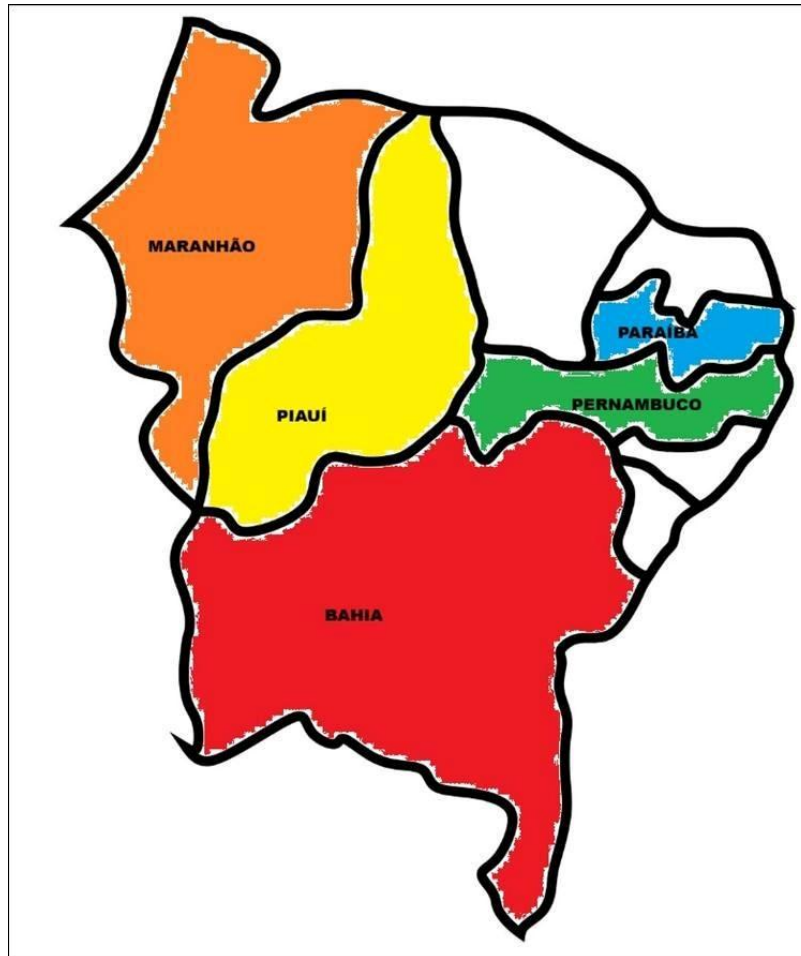
Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Com base no Perfil traçado acima, nota-se que os participantes da pesquisa compõem um grupo heterogêneo de estudantes universitários residentes na cidade de Foz do Iguaçu. Em geral, são jovens e adultos provenientes de diferentes cidades nordestinas, o que contribui para a diversidade linguística do conjunto, apesar de ser uma amostra pequena de participantes.

O tempo de residência no município iguaçuense varia entre recém-chegados e moradores que já têm vários anos de inserção na cidade, refletindo trajetórias de mobilidade vinculadas ao acesso à educação superior, ou seja, a inserção universitária constitui elemento central na construção das identidades linguísticas desse grupo.

Os participantes estão matriculados em diferentes cursos de graduação, de distintas áreas de conhecimento e ingressaram na universidade em anos distintos, o que lhes confere estágios variados de experiência acadêmica e na cidade que agora residem. Além disso, sabe-se que a convivência no ambiente universitário, marcado por políticas de internacionalização, diversidade cultural e circulação de alunos estrangeiros, amplia ainda mais o contato com múltiplas línguas e práticas discursivas.

3.3 MAPA DE ORIGEM DOS ENTREVISTADOS



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Conforme pode-se verificar no mapa do Nordeste brasileiro, a região conta com nove estados, sendo que, nesta pesquisa, estiveram contemplados cinco estados, embora a universidade foco deste estudo, possivelmente, possua representantes de todos os estados nordestinos.

4 ANÁLISE DOS DADOS: OS RELATOS DOS ESTUDANTES NORDESTINOS

As entrevistas realizadas com os sete estudantes universitários nordestinos residentes em Foz do Iguaçu indicam recorrentemente a presença significativa de atitudes linguísticas negativas por parte de falantes iguaçuenses aos falares nordestinos, manifestados de forma velada ou explícita. Destarte, todos os participantes vivenciaram, em maior ou menor grau, situações relacionadas ao preconceito linguístico, especialmente por meio de marcações do sotaque, pedidos de repetição e comentários associando sua fala como “não compreensível”.

Sobre a frequência de pedidos para repetir, há bastante variação, alguns relatam pouca ocorrência (Chicó; Macabéa); outros apontam frequência média a alta, especialmente ao interagir com pessoas desconhecidas (Pedro Bala; Severino). Dois entrevistados afirmam que isso ocorre muitas vezes (Bibiana; Lampião), chegando a acontecer diariamente.

Os relatos sugerem que os falares nordestinos são frequentemente percebidos pelos demais com atributos pejorativos, como “engraçados”, “preguiçosos”, “lento”, “embolado”, “arrastado” ou contendo “chiado”. Tais percepções são sintomas do fenômeno da glotofobia, que consiste na aversão ou desvalorização de variedades linguísticas específicas. Ademais, a adjetivação negativa ocorre como uma postura de desvalorização da variação apresentada nos falares dos participantes.

Observa-se que essas percepções podem se tornar estigmatizantes, mesmo quando não intencionalmente hostil, podendo fomentar a exclusão e aumentar as dificuldades de integração no próprio cenário universitário, bem como no seu entorno, nos ambientes de trabalho ou de interação. A afirmação generalizante sobre o “jeito nordestino” (Chicó; Lampião) é enfatizada pelos entrevistados.

Quase todos vivenciaram situações de brincadeiras ou imitações, sejam elas em contextos sociais (Gabriela; Pedro Bala; Severino; Lampião), acadêmicos (Pedro Bala) ou até em locais de trabalho (Lampião). Outros afirmam ajustar gírias, ritmo ou pronúncia, principalmente para evitar constrangimentos.

Bagno (2007) argumenta que o preconceito linguístico deriva de uma comparação inadequada entre a norma culta idealizada e os usos reais da língua, o que leva à desqualificação de variedades igualmente legítimas. Situações como imitações de “oxe” por docentes ou a generalização “você é da Bahia/Paraíba?” apontadas por (Pedro Bala, Macabéa, Severino, Lampião) ilustram atitudes

linguísticas negativas e estereotipadas.

Verifica-se, neste estudo, que as generalizações são muito frequentes: “Você é da Bahia?” é uma das associações mais comuns. A maioria relata ser confundida com outros estados, especialmente Bahia, Paraíba e Pernambuco e alguns observam desconhecimento geral sobre a diversidade interna do Nordeste (Macabéa; Lampião), conforme Moreno Fernández (2009), essas atitudes integram a consciência linguística de uma comunidade e podem resultar em discriminação quando não há uma abordagem adequada.

Constatou-se que os falantes com maior tempo de residência na cidade, como Lampião (oito anos) e Pedro Bala (cinco anos), apresentam maior grau de adaptação ao ambiente, o que parece reduzir a frequência de episódios de preconceito explícito. No entanto, Lampião ainda relata a persistência de piadas e pedidos constantes para repetir a fala em contextos sociais e acadêmicos.

“Sempre, até no trabalho. É constantemente, tem pessoas que são daqui [Unila] que são amigas minhas, mas ainda fazem essa brincadeira, com o sotaque, por eu ser amigo delas, é outro tipo, mas pessoas desconhecidas, eu não escuto muito não, porque como eu disse, eu não dou liberdade pra que a pessoa continue.” (LAMPIÃO)

“[...] ah, você fala muito engraçadinho baianinho. [...] Tinha até professora que repetia o que eu falava, eu perguntava alguma coisa assim na aula e ela me respondia imitando a forma que eu falava com o mesmo sotaque. E tinha os colegas também que às vezes a gente conversando algo e eu achava estranho algo do assunto e falava “Oxe”, como um reflexo de surpresa, e eles riam e ficavam imitando assim “oxe”, “oxe, oxe” (PEDRO BALA)

Em contrapartida, a experiência dos migrantes nordestinos mais recentes evidencia um esforço consciente para adaptar a maneira de falar, buscando uma tentativa de neutralização do ‘sotaque’ para evitar o estigma, especialmente em situações formais de uso da língua, como no caso de entrevistas de emprego (Macabéa; Severino). A atitude reforça a carga negativa que sentem os entrevistados com relação a sua inserção no ambiente em que estão interagindo.

“Sim, em entrevistas de emprego principalmente.” (SEVERINO)

“Sulista não, mas eu tento falar um português mais correto, coeso, que eu sei que as pessoas vão entender, pois as gírias nordestinas, normalmente, só quem é de lá entende mesmo; aqui, não, porque é diferente e tudo, mas é um diferente que não é pra ser ruim, é um diferente legal, é a mesma coisa, o mesmo sentido, tipo, “Piá” a gente tem a nossa forma de falar isso, por exemplo, na minha região falamos “Pivete” significa a mesma coisa, não sei porque que as pessoas daqui tratam como se fosse uma coisona diferente” (MACABÉA)

É possível perceber que há um imaginário de língua do próprio nordestino, para o qual tenta justificar pela “norma padrão” vista como a “correta”. Esse comportamento de buscar apagar sua característica de falante de uma variedade diferente reflete a pressão social, onde a fala, elemento constitutivo da identidade, é alvo de autonegação para prevenir a marginalização. Sobre esse aspecto, Labov (2008) afirma que ‘dialetos’ estigmatizados sofrem pressão para se conformar a padrões de prestígio, gerando insegurança linguística dos falantes. Para Moreno Fernández (2009), o prestígio é uma atitude linguística que se concede. Assim, ao evitar o uso de uma variedade não prestigiada no espaço, se está reforçando o prestígio da outra e, por conseguinte, apagando traços de sua identidade.

Ao mesmo tempo, identifica-se uma resistência cultural por parte dos entrevistados. Muitos afirmaram optarem por manter sua identidade linguística, valorizando suas raízes e buscando ignorar a pressão para “disfarçar” a sua forma de falar. Essa resistência atua como uma afirmação identitária contra o preconceito, preservando a história e a cultura nordestina e desafiando a percepção errônea de que “o Nordeste inteiro fala igual” (Lampião).

Nesse sentido, uma variedade menos prestigiada pode manter-se naquele espaço, pois está relacionada ao caráter de pertencimento ou identidade do grupo (Moreno Fernandez). Por isso, a questão em torno das crenças e atitudes é complexa, podendo causar sentimentos e comportamentos contraditórios que ora se propagam ora se apagam a depender do momento e da situação vivenciada.

Sobre o sentimento de exclusão, os relatos se dividem: alguns afirmam não ter se sentido excluídos (Gabriela; Bibiana); outros relatam evitar falar para reduzir exposição ao julgamento (Macabéa; Pedro Bala; Lampião); dois entrevistados apontam casos de menosprezo explícito, especialmente por desconhecidos (Chicó; Lampião) e um graduando viveu isso mais na cidade do que no espaço universitário (Severino).

Por fim, destaca-se o papel ambíguo da universidade com relação à temática da variação linguística e cultural de seu corpo discente. Embora seja um espaço que visa o fomento à integração multicultural, o ambiente, muitas vezes, pode refletir limitações práticas no combate ao preconceito linguístico.

Albuquerque Júnior (2014) aponta que a própria noção de “Nordeste” é uma construção histórica que frequentemente estigmatiza a região, criando estereótipos que se manifestam no cotidiano. A observação de Lampião sobre a priorização de

línguas indígenas e estrangeiras em detrimento das variações regionais brasileiras na UNILA ilustra como o preconceito estrutural permanece uma vulnerabilidade a ser enfrentada com políticas inclusivas mais efetivas.

“Eu vejo que os sotaques nordestinos não são valorizados aqui na Unila, eles valorizam muito mais outras línguas, principalmente a dos povos indígenas e estrangeiros, mais do que essas diferenças regionais.” (LAMPIÃO)

O apontamento do estudante apresenta uma manifestação sutil, porém significativa, do preconceito estrutural: a priorização de línguas indígenas e estrangeiras em detrimento das variações regionais brasileiras no contexto da UNILA, essa hierarquização ilustra que o preconceito linguístico ultrapassa a condenação evidente de uma variedade regional; ele se mostra, fundamentalmente, pela invisibilização ou pela atribuição de menor prestígio social a determinadas diversidades linguísticas, conforme discutido por Botassini (2013). De outro modo, reitera-se a importância de considerar também, na universidade, as variações linguísticas de outras línguas, não se trata de inviabilizá-las, mas de trazer para a discussão todas as variedades linguísticas.

Ao não focalizar as variações regionais do português, a instituição (ou a visão que o estudante constrói sobre ela) pode falhar em sua proposta de política de integração. Isso porque, pode perpetuar uma vulnerabilidade que demanda o desenvolvimento de ações e políticas mais efetivas de valorização da totalidade do repertório linguístico nacional.

Ainda sobre a universidade, todos os participantes concordam que a essa tem um papel relevante, justificando que promove integração e convivência entre pessoas de diferentes regiões (Gabriela); deve atuar na conscientização e respeito às variedades linguísticas (Macabéa; Pedro Bala; Severino; Bibiana); é espaço multilíngue que precisa evidenciar a diversidade interna do português brasileiro (Chicó).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi construído a partir de uma vivência direta, onde o silêncio compulsório diante de comentários e atitudes preconceituosas moldou não apenas o olhar, mas também o desejo de compreender e problematizar o preconceito linguístico em torno dos falares nordestinos em Foz do Iguaçu. Verificou-se que a glotofobia existe e se manifesta principalmente em comentários jocosos, imitações, generalizações e pedidos frequentes de repetição. Desse modo, muitos falantes, por medo ou intimação, utilizam estratégias de proteção, como evitar falar muito, evitar gírias ou controlar o 'sotaque'.

Nesse sentido, os dados levantados por esta pesquisa mostram que o preconceito não é apenas um reflexo de desconhecimento, mas uma forma profunda de exclusão, que encontra na linguagem uma marca simbólica para reforçar formas de segregação social, como a desconfiança intelectual ou evitação por desconhecidos (Lampião).

O estigma que recai sobre os falares nordestinos revela a persistência de um Brasil desigual, onde um padrão linguístico é, muitas vezes, exaltado como legítimo, enquanto as demais variações são tidas como incorretas ou até ridicularizadas. Essa hierarquia invisível, mas real, pode influenciar a autoestima dos migrantes e limitar sua participação plena na sociedade local. Apesar das evidências de discriminação, impõe-se a resistência através do orgulho das próprias origens linguísticas e culturais, uma resistência silenciosa, mas firme, que desafia a ideia de normalidade e poder instituídos — como no depoimento de Lampião, que não dá "liberdade" para piadas.

O papel da universidade, neste contexto, emerge como central para o enfrentamento do preconceito linguístico e da glotofobia. Ela deve assumir a responsabilidade de promover o respeito à diversidade cultural e linguística, educando para a consciência crítica e estimulando a integração que valorize as diferenças, sem tentar apagá-las — priorizando também as variações regionais brasileiras, além das internacionais. Tal postura é fundamental para que o migrante nordestino não precise renegar sua identidade para ser aceito e possa, finalmente, ocupar seu espaço com dignidade.

Em última análise, este estudo mostra que o preconceito linguístico em Foz do Iguaçu não é um fenômeno isolado ou naturalizado; é uma rejeição social que precisa ser combatida não apenas na fala, mas no coração das relações de poder e

na construção de uma sociedade mais inclusiva, onde diferenças regionais sejam vistas como riqueza e não como motivo de exclusão. Enquanto migrantes e pesquisadores, cabe continuar ouvindo essas vozes marginalizadas e transformando a dor do silêncio em força para a mudança

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *In: Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p.105-112, maio-ago. 2008.
- ALVES, E. C.; AQUINO, M. A. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do ppgci/ufpb - 2008 a 2012. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 22, n. esp, 2012, p. 81.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: Estado-da-arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 71-92, jun. 2001.
- BARRETO, G. B. de. **Dois séculos de imigração no Brasil: imagem e papel social dos estrangeiros na imprensa**. Curitiba: Appris, 2019. v. 2, p. 208.
- BLANCHET, Ph. **Discriminations: combattre la glottophobie**. Paris: Éd. Textuel, 2016.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 15.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador – Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Editora Parábola, 2008.
- BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.
- CALVET, L.-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- COSTA, V. L. A. A importância do conhecimento da variação lingüística. **Educar Em Revista**, v. 12, n. 12, p. 51-60, 1996.
- DÁU, P. C. **O estereótipo do nordestino na televisão brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social. Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Comunicação. Salvador, BA: 2009.
- ESTEVES, E. N. **Intersecções transdisciplinares: ensaios críticos sobre o universo da língua portuguesa**. Varsóvia: Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia, 2020.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem:

redescrições em curso. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ILARI, R.; BASSO, R.. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2011.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 3. ed. Madrid: Gredos, 2004.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**. Campinas: Mercado de Letras, 2002

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 200. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 3. ed. Madrid: Gredos, 2004.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 2009.

SILVA, A. K. da. Crenças no ensino-aprendizagem e na formação de professores de línguas: pontos e contrapontos. *In*: SILVA, K. A. (Org.). **Crenças, discursos & linguagem**. v. II. Campinas: Pontes, 2011.

SILVA, H. C. da; AGUILERA, V. de A. O poder de uma diferença: um estudo sobre Crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, São Paulo, v. 3, n. 58, p. 703-723, 2014.

RIBEIRO, J. **Xenofobia e Intolerância Linguística: Discursos sobre estrangeiridade e hostilidade brasileira**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO

Data de nascimento:

Cidade/Estado de nascimento:

Curso Universitário:

Ano de Ingresso na Unila:

Quanto tempo reside em Foz do Iguaçu?

PERGUNTAS PARA UNIVERSITÁRIOS NORDESTINOS

1. Com que frequência as pessoas pedem para que você repita o que foi dito?
2. As pessoas da cidade já mencionaram ou deram a entender que você fala de um jeito engraçado? Ou difícil de entender?
3. Você já sentiu que sua forma de falar foi usada para fazer piadas em situações sociais ou acadêmicas?
4. Com que frequência sua forma de falar é generalizada ou comparada com outros do estado do Nordeste?
5. Você já se sentiu excluído ou menosprezado em grupos de trabalho ou discussões na sala de aula por conta de sua forma de falar?
6. Você já tentou disfarçar sua forma de falar para que ficasse mais parecida com a forma de falar sulista?
7. Em sua opinião, o ambiente universitário tem um papel importante no combate ao Preconceito Linguístico? Por quê?

ENTREVISTA 1 (Dia 27/10)

Nome: Gabriela

Data de Nascimento: 21 dez 2006

Cidade e Estado: Jacobina – BA

Curso Universitário: Ciências Biológicas

Ano de Ingresso: 2025.1

Tempo de Residência em Foz do Iguaçu: 6 anos

1. Com que frequência as pessoas pedem para que você repita o que foi dito?

R. Não muito.

2. As pessoas da cidade já mencionaram ou deram a entender que você fala de um jeito engraçado? Ou difícil de entender?

R. Já sim, principalmente engraçado.

3. Você já sentiu que sua forma de falar foi usada para fazer piadas em situações sociais ou acadêmicas?

R. Sim, mais no meio social do que acadêmico, principalmente para fazer piadas do Estado da Bahia, com o sotaque e com as pessoas, dizem que identificam fácil porque o sotaque é preguiçoso, lento.

4. Com que frequência sua forma de falar é generalizada ou comparada com outros do estado do Nordeste?

R. Pelo menos comigo em si não muito, não sofro com esse tipo de comparação.

5. Você já se sentiu excluído ou menosprezado em grupos de trabalho ou discussões na sala de aula por conta de sua forma de falar?

R. Não.

6. Você já tentou disfarçar sua forma de falar para que ficasse mais parecida com a forma de falar sulista?

R. Não.

7. Em sua opinião, o ambiente universitário tem um papel importante no combate ao Preconceito Linguístico? Por quê?

R. Sim, é bom porque faz com que haja aquela integração, né, da comunidade estudantil no geral, para as pessoas não se sentirem excluídas por vir de um lugar diferente.

ENTREVISTA 2 (Dia 30/10)

Nome: Macabéa

Data de Nascimento: 25 dez 2005

Cidade e Estado: Teresina – PI

Curso Universitário: Economia

Ano de Ingresso: 2025.1

Tempo de Residência em Foz do Iguaçu: 8 meses

1. Com que frequência as pessoas pedem para que você repita o que foi dito?

R. Bom, eu tento sempre mudar o meu jeito de falar, não falo de jeito nenhum do jeito que eu falava no Piauí, tento sempre manter a pronúncia correta das palavras? É... não sei como explicar... Mas sempre tento falar corretamente para ninguém pedir para repetir, porque é chato.

2. As pessoas da cidade já mencionaram ou deram a entender que você fala de um jeito engraçado? Ou difícil de entender?

R. Difícil ou engraçado não, mas normalmente eles percebem que eu não sou daqui, então eles falam “Ah você é de onde do Nordeste?” porque eles já percebem no falar. Eu tento sempre também não prolongar muito a conversa para não cair numa situação chata.

3. Você já sentiu que sua forma de falar foi usada para fazer piadas em situações sociais ou acadêmicas?

R. Por enquanto não, pelo menos aqui não.

4. Com que frequência sua forma de falar é generalizada ou comparada com outros do estado do Nordeste?

R. É uma frequência grande, eles pensam que eu sou da Paraíba, ou qualquer parte do Nordeste na verdade. “Ah, você é de onde? Da Paraíba, da Bahia?” Aí eu: “Não, eu sou do Piauí”. Normalmente eles nem sequer conhecem o Piauí, mas aí eu falo que sou do Piauí e ouço: “Ah, da parte de onde do Nordeste?” Aí eu explico.

5. Você já se sentiu excluído ou menosprezado em grupos de trabalho ou discussões na sala de aula por conta de sua forma de falar?

R. Não. Mas eu acho que eu tô falando muito do meu ponto de vista, que é uma posição que normalmente eu me recluso, sabe? Eu me saio, pra não acontecer exatamente isso, já antecedendo, pensando no que é muito provável que vá acontecer, eu já me saio, né? Para que não aconteça, mas eu tenho certeza que aconteceu com outras pessoas já, e eu, por medo, já me saio.

6. Você já tentou disfarçar sua forma de falar para que ficasse mais parecida com a forma de falar sulista?

R. "Sulista não, mas eu tento falar um português mais correto, coeso, que eu sei que as pessoas vão entender, pois as gírias nordestinas, normalmente, só quem é de lá entende mesmo; aqui, não, porque é diferente e tudo, mas é um diferente que não é pra ser ruim, é um diferente legal, é a mesma coisa, o mesmo sentido, tipo, “Piá” a gente tem a nossa forma de falar isso, por exemplo, na minha região falamos “Pivete” significa a mesma coisa, não sei porque que as pessoas daqui tratam como se fosse uma coisona diferente.

7. Em sua opinião, o ambiente universitário tem um papel importante no combate ao Preconceito Linguístico? Por quê?

R. Eu acho que sim, porque já que todos os estados do Brasil têm um jeito de falar diferente, porque não respeitar? São culturas, então não tem porquê menosprezar uma cultura porque você não gosta dela. Se você não gosta, simplesmente não

precisa entrar no meio daquela cultura, mas também não precisa menosprezar, porque isso é chato para quem é de lá e ouve certas coisas, então eu acho importante todo mundo se conscientizar, porque estamos entrando na fase adulta, então que sejamos adultos melhores na sociedade, sem esses preconceitos linguísticos chatos. (2:41)

ENTREVISTA 3 (Dia 07/11)

Nome: Pedro Bala

Data de Nascimento: 26 nov 2000

Cidade e Estado: Ibotirama – BA

Curso Universitário: Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar

Ano de Ingresso: 2019.2

Tempo de Residência em Foz do Iguaçu: 5 anos

1. Com que frequência as pessoas pedem para que você repita o que foi dito? (35s)

R. Antes, elas pediam mais, no primeiro ano que cheguei, repetia muito as palavras, hoje considero uma frequência média, ainda acontece, diminuiu, mas acho que é por conta do convívio com as pessoas que eu vivo hoje em dia, que eu já conheço, hoje elas estão acostumadas, ou também tem as que são do Nordeste, né?! Do Norte ou são de outros lugares que não tem essa questão assim com os sotaques. (1:39) Mas acontece ainda com pessoas de fora, com vendedores, o pessoal do atendimento as pessoas pedem pra repetir.

2. As pessoas da cidade já mencionaram ou deram a entender que você fala de um jeito engraçado? Ou difícil de entender? (2:03)

R. Já sim, principalmente engraçado, quando eu cheguei aqui no começo, colegas mesmo do curso falavam “ah, você fala muito engraçadinho baianinho” reparei que está mais atrelado às palavras como o “ti e o di” que é diferente.

3. Você já sentiu que sua forma de falar foi usada para fazer piadas em situações sociais ou acadêmicas? (2:26)

R. Já, tinha até professora que repetia o que eu falava, eu perguntava alguma coisa assim na aula e ela me respondia imitando a forma que eu falava com o mesmo sotaque. E tinha os colegas também que às vezes a gente conversando algo e eu achava estranho algo do assunto e falava “Oxe”, como um reflexo de surpresa, e eles riam e ficavam imitando assim “oxe”, “oxe, oxe”

4. Com que frequência sua forma de falar é generalizada ou comparada com outros do estado do Nordeste? (2:59)

R. Mais ou menos, já aconteceu de perguntar se sou só do Nordeste, mas muita gente fala assim: “Pelo jeitinho que você fala, você é da Bahia, né? Tipo ‘barril’, você

fala muito 'barril' acho que você é da Bahia".

5. Você já se sentiu excluído ou menosprezado em grupos de trabalho ou discussões na sala de aula por conta de sua forma de falar? (3:21)

R. Rapaz... Já, mas não por alguém falar algo, tipo eu tentei não falar muito pra não perceberem o sotaque, mas tipo assim, de algum grupo, até então, falar algo direto pra mim, ainda não. Eu evitava muito falar pra não ser percebido e chamar uma atenção desnecessária.

6. Você já tentou disfarçar sua forma de falar para que ficasse mais parecida com a forma de falar sulista? (3:51)

R. Não, não, quando eu vim pra cá minha mãe dizia assim "Ó cada um tem o seu jeito de falar, não vai querer imitar os outros não, viu".

7. Em sua opinião, o ambiente universitário tem um papel importante no combate ao Preconceito Linguístico? Por quê? (4:07)

R. Tem, com certeza, principalmente porque são várias línguas, né, várias formas de falar também, acho que as pessoas não deveriam comparar, e sim integrar, tipo, você chama a fruta tal de um nome e eu chamo de outra, as pessoas compreenderem a forma de cada um chamar aquela coisa e não o jeito de falar.

ENTREVISTA 4 (Dia 17/11)

Nome: Chicó

Data de Nascimento: 29 Jul 1990

Cidade e Estado: Olinda – PE

Curso Universitário: Antropologia

Ano de Ingresso: 2025.1

Tempo de Residência em Foz do Iguaçu: 7 meses

1. Com que frequência as pessoas pedem para que você repita o que foi dito? (56s)

R. Acho que pouca.

2. As pessoas da cidade já mencionaram ou deram a entender que você fala de um jeito engraçado? Ou difícil de entender? (1:07)

R. Já, essa questão do engraçado, sim.

3. Você já sentiu que sua forma de falar foi usada para fazer piadas em situações sociais ou acadêmicas? (1:36)

R. Não, aqui não.

4. Com que frequência sua forma de falar é generalizada ou comparada com outros do estado do Nordeste? (1:59)

R. Acho que quase sempre... De um modo mais geral, né?! De pensar que é uma fala comum, um 'nordestinês'.

5. Você já se sentiu excluído ou menosprezado em grupos de trabalho ou discussões na sala de aula por conta de sua forma de falar? (02:36)

R. Eu acho que sim, às vezes... Eu vou ser bem sincero, eu acho que algumas pessoas tem uma certa dificuldade, tive dificuldade com uma pessoa específica, que até hoje não sei se a gente tem uma relação difícil, ou se é o modo dessa pessoa entender, é... Vou ser bem explícito, quando a gente, pernambucano, cearense, maranhense, baiano sai do estado, se não for a estudo, geralmente vai trabalhar em obras ou quase sempre, né? Em situações de trabalho mal remuneradas, mal vistas socialmente, e aí quando você vai para um espaço em que você tem uma pessoa do Nordeste falando de igual para igual, a pessoa que entende mais, meio que se assusta, exemplo, eu tenho uma relação com a antropologia de uma década e aí, pra mim tem assunto que é muito fácil, é o que eu já vivi, lí, escrevi e às vezes eu sentia que essa pessoa queria me ensinar algumas coisas, eu achava que era questão de ego minha, mas pouco a pouco fui percebendo que não, essa pessoa tinha realmente uma certa dificuldade de aceitar que eu sabia mais que ela.

6. Você já tentou disfarçar sua forma de falar para que ficasse mais parecida com a forma de falar sulista? (04:31)

R. Não, de jeito nenhum, até brincando com minha esposa que é de Recife, e eu estava falando os artigos, tipo "O fulando fez isso" e a gente não tem esse costume de falar assim, falamos "isso é 'DE' beltrano e não 'DO' beltrano, quem fez aquilo foi sicrano e não 'O' sicrano", ela até ficou meio assustada, mas fora a brincadeira nunca fiz questão de mudar meu sotaque não.

7. Em sua opinião, o ambiente universitário tem um papel importante no combate ao Preconceito Linguístico? Por quê? (5:14)

R. Eu acho que tem bastante, na UNILA mais ainda, ela foi criada como uma universidade bilíngue mas a gente sabe, que cada vez mais ela é uma universidade Multi e Plurilíngue, então... Só que tem uma coisa que é o inverso também na UNILA, que é você mostrar para a pessoa que não é brasileira que há uma diversidade de sotaques também, que existem modos e modos de ser e modos de falar também, então tem um papel central pro enfrentamento de você mostrar, explicitar essa diversidade, acho essa a questão mais difícil, semana passada falando com uma amiga da medicina, que é chilena, falei algo como "não sei o que, o meu bucho tá doendo" e ela ficou meio assim (sem entender), ou seja a pessoa não vai falar "barriga", ela vai falar algo que é dela, então expliquei o significado, e é isso para que essas pessoas possam entender também que há vários modos de dizer, de falar acho que a universidade tem sim um grande papel, uma grande responsabilidade nesse enfrentamento da xenofobia, do preconceito linguístico e de mostrar mesmo essa pluralidade.

ENTREVISTA 5 (Dia 21/11)

Nome: Severino

Data de Nascimento: 23 mar 2002

Cidade e Estado: São Luis – MA

Curso Universitário: Mediação Cultural - Artes e Letras

Ano de Ingresso: 2021.2

Tempo de Residência em Foz do Iguaçu: 3 anos

1. Com que frequência as pessoas pedem para que você repita o que foi dito? (28s)

R. Razoavelmente duas vezes, a frequência varia, mas em média uma ou duas vezes por dia, geralmente em conversas longas, as pessoas daqui ainda não estão familiarizadas com os sotaques nordestinos ou com nossas gírias.

2. As pessoas da cidade já mencionaram ou deram a entender que você fala de um jeito engraçado? Ou difícil de entender? (45s)

R. Já sim, principalmente em algumas gírias que são regionais que falo na hora de se comunicar você se expressa e o pessoal “nossa que forma engraçada de você falar e tals”.

3. Você já sentiu que sua forma de falar foi usada para fazer piadas em situações sociais ou acadêmicas? (1:09)

R. Já, porque já riram, mas não sei se foi diretamente ligado ao que eu falei ou como falei.

4. Com que frequência sua forma de falar é generalizada ou comparada com outros do estado do Nordeste? (1:19)

R. Bastante, muito, comparam com a Bahia.

5. Você já se sentiu excluído ou menosprezado em grupos de trabalho ou discussões na sala de aula por conta de sua forma de falar? (1:34)

R. Na Faculdade não, na cidade sim.

6. Você já tentou disfarçar sua forma de falar para que ficasse mais parecida com a forma de falar sulista? (1:41)

R. Sim, em entrevistas de emprego principalmente.

7. Em sua opinião, o ambiente universitário tem um papel importante no combate ao Preconceito Linguístico? Por quê? (1:53)

R. Com certeza, sim, porque é onde você cria ferramentas para avançar para a vida, tanto a vida pessoal quanto a vida profissional, então a universidade é quem articula tudo isso, te prepara para a vida, né?!

ENTREVISTA 6 (Dia 24/11)

Nome: Bibiana

Data de Nascimento: 31 Ago 1989

Cidade e Estado: Salvador – BA

Curso Universitário: Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras

Ano de Ingresso: 2022.2

Tempo de Residência em Foz do Iguaçu: 3 anos

1. Com que frequência as pessoas pedem para que você repita o que foi dito? (37s)

R. Várias vezes.

2. As pessoas da cidade já mencionaram ou deram a entender que você fala de um jeito engraçado? Ou difícil de entender? (47s)

R. Já disseram que eu falo como se eu tivesse com um ovo na boca, minha voz é como se fosse mais embolada pra eles.

3. Você já sentiu que sua forma de falar foi usada para fazer piadas em situações sociais ou acadêmicas? (1:05)

R. Não, mas eu já fui corrigida por um aluno, pela minha forma de falar.

4. Com que frequência sua forma de falar é generalizada ou comparada com outros do estado do Nordeste? (1:27)

R. Mais ou menos, já falam que eu sou nordestina, “é do Nordeste!” já falam logo.

5. Você já se sentiu excluído ou menosprezado em grupos de trabalho ou discussões na sala de aula por conta de sua forma de falar? (1:42)

R. Não, mas as vezes eu me sinto excluída em alguns lugares por eu ser de outra cidade, outra região.

6. Você já tentou disfarçar sua forma de falar para que ficasse mais parecida com a forma de falar sulista? (1:59)

R. Não, nunca fiz isso.

7. Em sua opinião, o ambiente universitário tem um papel importante no combate ao Preconceito Linguístico? Por quê? (2:09)

R. Sim, tem um papel importante porque aqui é o lugar de formadores de opinião, então a partir desse ponto a universidade tem essa força e esse poder de desenvolver no aluno essa capacidade de entender e reconhecer a diversidade cultural do outro e,

a partir disso, ensinar a respeitar a forma de falar e a cultura do outro.

ENTREVISTA 7 (Dia 29/11)

Nome: Lampião

Data de Nascimento: 09 Abr 1988

Cidade e Estado: Caaporã – PB

Curso Universitário: História – Licenciatura

Ano de Ingresso: 2019.1

Tempo de Residência em Foz do Iguaçu: 8 anos

1. Com que frequência as pessoas pedem para que você repita o que foi dito? (47s)

R. De dez, oito ou nove.

2. As pessoas da cidade já mencionaram ou deram a entender que você fala de um jeito engraçado? Ou difícil de entender? (59s)

R. Mais engraçado do que difícil, mas não dou liberdade pra isso.

3. Você já sentiu que sua forma de falar foi usada para fazer piadas em situações sociais ou acadêmicas? (1:05)

R. Sempre, até no trabalho. É constantemente, tem pessoas que são daqui (Unila) que são amigas minhas, mas ainda fazem essa brincadeira, com o sotaque, por eu ser amigo delas, é outro tipo, mas pessoas desconhecidas, eu não escuto muito não, porque como eu disse, eu não dou liberdade pra que a pessoa continue.

4. Com que frequência sua forma de falar é generalizada ou comparada com outros do estado do Nordeste? (2:10)

R. Sempre, acham que o Nordeste inteiro fala igual, e a gente sabe que nem todos os estados não chamam, e eu percebi depois que cheguei aqui que é muito a Paraíba, o Pernambuco e o Rio Grande do Norte, e tipo, Salvador, Alagoas, Alagoas um pouco, mas quem é do Ceará, quem é da capital percebo que não fala muito, e também quem é do Maranhão. Então, nunca sou lembrado por ser paraibano, é sempre o baiano.

5. Você já se sentiu excluído ou menosprezado em grupos de trabalho ou discussões na sala de aula por conta de sua forma de falar? (3:10)

R. Excluído... Não sei se excluído, mas eu percebo uma certa reticência das pessoas. Excluído mais por pessoas desconhecidas, por conhecidos não, eles fazem as graças, mas não excluem, mas gente desconhecidas sempre tentam me evitar, tentam desconfiar da minha capacidade intelectual só pelo meu modo de falar, essas coisas.

6. Você já tentou disfarçar sua forma de falar para que ficasse mais parecida

com a forma de falar sulista? (4:52)

R. Não, porque eu me nego completamente a mudar de sotaque, mas dependendo do lugar de onde estou, eu evito falar palavras que tem chiado, evito mesmo, dependendo do ambiente, principalmente se tiver num lugar completamente branco e sulistas e que eu não tenha amizades, pessoas conhecidas, aí eu tento ao máximo falar algumas palavras, mas sotaque eu não mudo.

7. Em sua opinião, o ambiente universitário tem um papel importante no combate ao Preconceito Linguístico? Por quê? (2:09)

R. Eu acredito que sim, mas eu não vejo que os sotaques nordestinos não são valorizados aqui na Unila, eles valorizam muito mais outras línguas, principalmente a dos povos indígenas e estrangeiros, mais do que essas diferenças regionais.

APÊNDICE A – NOME DO APÊNDICE

Elemento opcional. Colocado após as referências.

Constituído de informações elaboradas pelo autor do trabalho, não incluídas no texto. Os apêndices são identificados por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos.

ANEXOS

ANEXO A – TÍTULO DO ANEXO

Elemento opcional.

Colocado após os apêndices (caso exista apêndices, senão vem após as referências). Constituído de informações não elaboradas pelo autor do trabalho, que serve de fundamentação, comprovação e ilustração.